

Ano XXXVIII - N.º 2

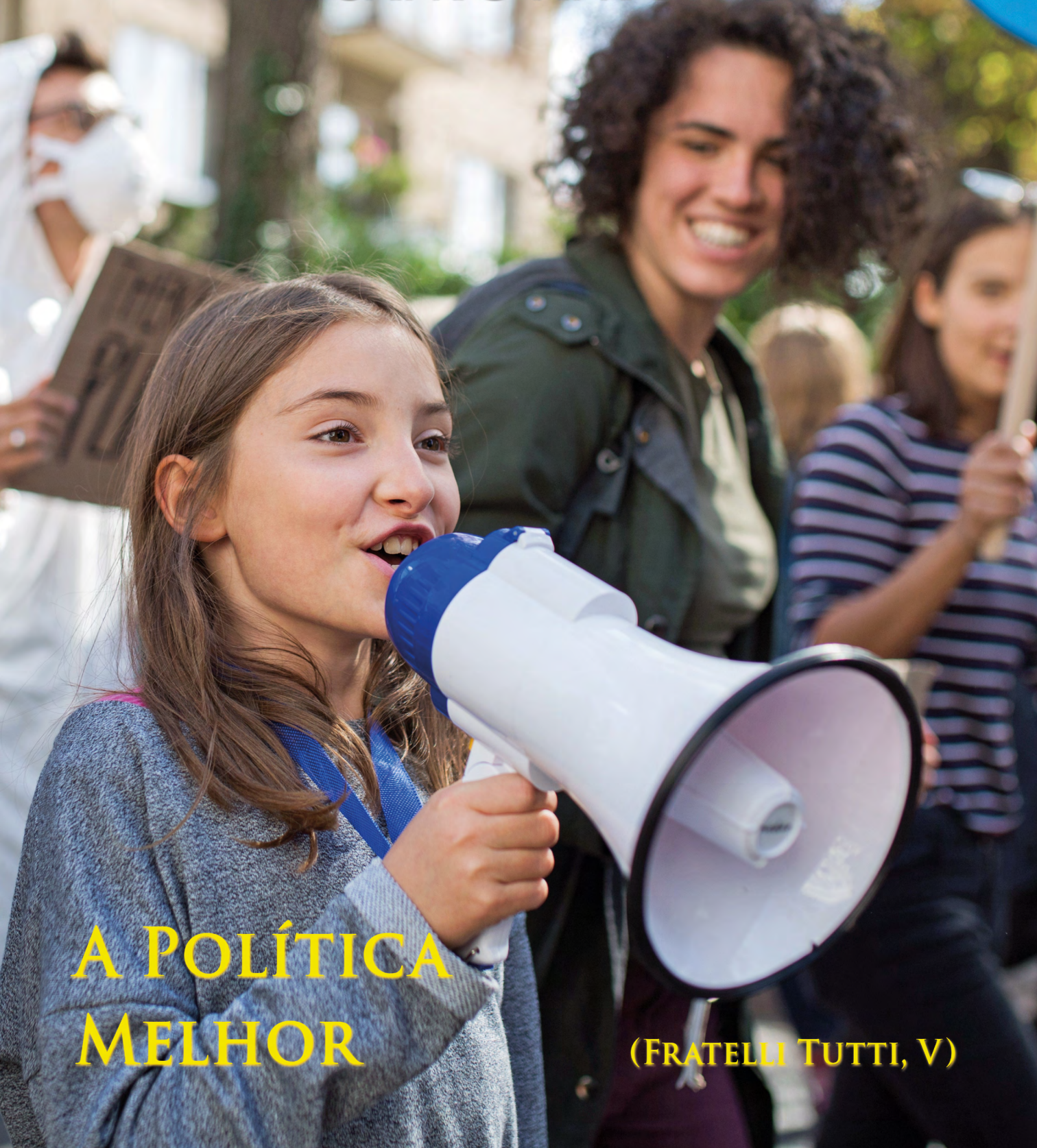
Revista Mensal

2,50 €

Fevereiro 2022

# MENSAGEIRO

## de SANTO ANTÓNIO



A POLÍTICA  
MELHOR

(FRATELLI TUTTI, V)



# Sumário



Fevereiro 2022 | N.º 2 | Ano XXXVIII

## EDITORIAL

- 3** A alegria explosiva  
e desinquietante do Evangelho  
*Frei Severino*

## HOMEM E SOCIEDADE

### **4 Profetas do nosso tempo**

Desmond Tutu:  
Eu sou, porque tu és  
*Fabrizio Bordin*

### **6 Mundivivências**

Podias explicar melhor a tua ideia?  
*Miguel Panão*

### **8 Economia de Francisco**

Rendimento Básico  
Incondicional  
*Secundino Correia*

### **10 Pés na Terra**

Imigração:  
particularidade partilhada  
*Inês Espada Vieira*

### **12 Artes e Letras**

Livros:  
A Arte de Viver em Deus  
Breviário do silêncio  
*Rui Vasconcelos*  
Cinema:  
Compartimento n.º 6  
*Pe. Manuel Monteiro Mendes*

### **14 Memória e tradição**

O Pinheiro de Santo António  
*Pedro Teotónio Pereira*

### **15 Caminhada sinodal**

Por uma Igreja diferente  
*Juan Ambrosio (coordenação)*  
*Inês Espada Vieira*  
*Francisco Vaz*  
*Américo Pereira*

## IGREJA A CAMINHO

### **23 Ponto e contraponto**

Estrelas na noite  
*Idalino Simões*

### **26 Traços de uma Presença**

A política melhor  
*Juan Ambrosio*

### **28 Além do sofá**

Já não se fazem jovens  
como antigamente  
*Inês Santos e Gonçalo Oliveira*

## PÁGINAS ANTONIANAS

### **30 Nos Passos de António - 21**

António, de quem é?  
*Fabio Scarsato*

### **32 Devoção**

Orações a Santo António  
Primeira Terça Feira  
de cada mês

### **34 Santo António**

#### **mestre da palavra**

Porque não reparas na trave  
que tens no teu olho?  
*Frei Valentim Strappazon*

## CONTRACAPA

### **36 30.º Dia Mundial do Doente**

*Mensagem do Papa Francisco*

## ESPECIAL

Capa: *Greve climática estudantil*, 2019, Halfpoint - stock.adobe.com.

Contracapa: Foto EPA/ETIENNE LAURENT, janeiro 2022.

Editorial: *O Papa Francisco joga matraquilhos*, audiência geral semanal no Salão Paulo VI, Cidade do Vaticano, 18 de agosto de 2021, EPA/VATICAN MEDIA.

*O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.*

AGÊNCIAS ECCLESIA E LUSA (PORTUGAL)

Diretor  
Frei José Augusto Marques  
(Carteira Profissional TE-101)  
Diretor-adjunto  
Secundino Correia  
(Carteira Profissional TE-1302)  
Administrador  
Frei Fabrizio Bordin  
Redação  
Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor  
ACMSA - Associação Cultural  
Mensageiro de Santo António,  
entidade sem fins lucrativos  
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

## Administração, Redação e Edição

Estrada de Assafarge, n.º 6  
3040-718 Castelo Viegas

## Atendimento:

segunda a quinta  
das 10:00 às 12:30  
e das 15:00 às 17:00

NOVO Telefone: 239 097 984

## Correio eletrónico

assinantes@santoantonio.live

## Preço da assinatura anual

|                    |                  |
|--------------------|------------------|
| Devoto / Portugal: | 22 €             |
| Amigo:             | 50 €             |
| Benfeitor:         | 100 €            |
| Europa:            | 40 €             |
| Fora da Europa:    | 50€ - \$75 (CAN) |

|                    |        |
|--------------------|--------|
| Preço avulso:      | 2,50 € |
| Números atrasados: | 3,50 € |

## NIB da ACMSA

001000004251041000159

## IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159  
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

## Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda  
Travessa Sá e Melo, 209  
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612

Dépósito Legal n.º 26.837/89

## Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>

Edição digital

<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:

2.600 exemplares





# A alegria explosiva e desinquietante do Evangelho

Frei Severino Centomo

O Especial deste número da revista é dedicado à caminhada sinodal que a Igreja é chamada a fazer, entrando num percurso de avaliação, meditação e renovação ao longo de três anos (2021-2023).

O Papa Francisco, nestes oito anos de pontificado, deu-se conta que a Igreja devia encontrar uma resposta convincente à sua existência e missão ou, então, corria o risco de ficar à margem do horizonte da história viva da humanidade.

Passando um olhar pelas estatísticas da Igreja, publicadas pelo Vaticano no fim do ano passado, nota-se que o número dos fiéis cresceu em todos os continentes, exceto na Europa, onde ficou registado um decréscimo de cerca 300 000 fiéis.

Se a este dado, acrescentarmos as consequências da pandemia da Covid 19, que afastou muita gente da participação presencial nos sacramentos, temos de concluir que a Igreja, especialmente na Europa, se encontra numa encruzilhada delicada da sua caminhada como povo de Deus.

No início deste ano, na festa da Epifania do Senhor, o Papa Francisco na sua homilia falou de “tristeza” quando a comunidade cristã perde a “alegria explosiva e desinquietadora do Evangelho”, querendo assim interpelar todos os cristãos: “A que ponto estamos na nossa viagem da fé? Porventura, estamos estacionados numa religião convencional, exterior, formal, que deixou de aquecer o coração e já não muda a vida?”.

Eis aqui, portanto, a primeira tarefa que se impõe à nossa Igreja, em Portugal e na Europa: enfrentar este tempo como um tempo favorável, uma “oportunidade para pensar e viver de maneira diferente a nossa fé, realizando um discernimento sobre aquilo que o Senhor nos pede para viver hoje, quer a nível pessoal quer como Igreja”.

Dizia o Pe. Yves Congar, uma das grandes figuras do Concílio Vaticano II: “Não é preciso fazer outra Igreja; é preciso fazer uma Igreja diferente”. O Sínodo em curso é a concretização deste “sonho”.

**Que ninguém se desmarque nem fique de fora! ■**





# Desmond Tutu

Frei Fabrício Bordin

Desmond Tutu dança com o Coro Gospel do Soweto, no lançamento do livro *Tutu: um retrato autorizado*, na Catedral de São Jorge, Cidade do Cabo, África do Sul. Foto EPA/NIC BOTHMA, 2011.

## EU SOU PORQUE TU ÉS!

O novo ano de 2022, começou com o funeral de outro grande profeta do nosso tempo: Desmond Tutu, Arcebispo da Igreja Anglicana e prémio Nobel da Paz em 1984 pela sua luta contra o Apartheid na sua terra natal.

Nasceu em Klerksdorp, na África do Sul, a 7 de Outubro de 1931. Aos 12 anos, a sua família mudou-se para Joanesburgo. Era seu desejo tornar-se médico, mas não tendo condições económicas para pagar os estudos, acabou por enveredar nas disciplinas teológicas tornando-se, em 1960, ministro ordenado da Igreja anglicana. Jovem pastor foi nomeado capelão da Universidade de Fort Hare, no Sul do País, berço da luta contra o *apartheid*. Continuou a estudar nos anos Sessenta, tendo obtido o bacharelado e depois um *master* em Teologia.

Começou a viajar e tornou-se cada vez mais sensível aos temas da “negritude”. Em 1975, foi nomeado deão da Catedral de Santa Maria, em Joanesburgo: era o primeiro negro com tal cargo!

Esta escolha provocou reações polémicas nos círculos governamentais. O ano de 1976 representa uma viragem significativa na vida de Desmond Tutu: após ser sagrado bispo, as manifestações, no município de Soweto, contra as diretrizes do governo que obrigavam ao uso da língua afrikaans nas escolas afro, acabaram com o massacre de centenas de jovens. O apoio de Desmond Tutu ao embargo económico contra o regime segregacionista do seu País provocou um grande clamor.

Com a sua nomeação para secretário-geral do Conselho das Igrejas da África do Sul a sua voz de luta não violenta contra o regime racista do *National Party* tornou-se cada vez mais forte, através de escritos, conferências e conversações, no seu país e no estrangeiro, em defesa do direito de circulação dos negros, em prol de um sistema educacional comum e contra as deportações forçadas dos negros.



Entre os vários títulos honoríficos recebidos, o mais famoso e significativo é, sem dúvida, o Prêmio Nobel da Paz, em 1984, que sagrou o seu carisma profético em defesa da negritude. De 1985 a 1986, foi bispo de Joanesburgo e, de 1986 a 1996, arcebispo da Cidade do Cabo. Era casado, desde 1955, com Leah Nomalizo Tutu, com a qual teve quatro filhos: Trevor Thamsanqa, Theresa Thandeka, Naomi Nontombi e Mpho Andrea.

Não podemos deixar de lembrar, na figura emblemática deste iluminado pastor da Igreja anglicana, a criação, em 1995, da *Comissão Verdade e Reconciliação*, com o intento de uma reparação moral em prol dos familiares das vítimas, através da confissão dos crimes cometidos durante o *Apartheid*. Esta intuição, apoiada fortemente pelo Pai da Pátria, Nelson Mandela, tornou-se revolucionária, porque travou o perigo de uma terrível guerra civil por causa da sede de vingança que havia entre as famílias nos territórios da África Austral.

## UBUNTU

Mas para entender melhor o carisma de Desmond Tutu, é importante lembrar um conceito filosófico da tradição Bantu, que Tutu soube conjugar com a sabedoria da Palavra de Deus.

Trata-se do “Ubuntu”, que poderíamos traduzir em português como: “Eu sou porque tu és!”. Várias outras expressões retiradas das intervenções de Desmond Tutu reforçam esta tradição ancestral da sua terra natal: “Uma pessoa torna-se humana graças às outras pessoas”. “Um indivíduo é pessoa graças aos outros indivíduos!”.

É uma visão da sociedade sem divisões em que, cada pessoa é chamada a desenvolver um papel importante. Daqui a atenção dada por Desmond Tutu à alteridade, uma alteridade que exprime uma tensão para a paz.

Há um episódio curioso que um dia um antropólogo contou para explicar quanto é forte esta dimensão relacional nas culturas sul-africanas. Um dia, decidiu colocar uma cesta cheia de fruta ao pé de uma árvore, dizendo a um grupo de crianças que quem chegasse primeiro ficaria com toda a fruta. Quando deu o sinal, as crianças deram as mãos e correram todas juntas; depois sentaram-se em círculo para gozar em conjunto o prémio alcançado. O cientista perguntou porque é que não correram separados. E todos responderam em coro: “Ubuntu!”.

Este foi o fundamento da nova nação “Arco-íris”, termo que o próprio Desmond Tutu criou para afastar a vingança por parte da maioria “afro” contra a minoria “branca” depois da queda do regime segregacionista de Pretória.

No dia da sua morte, a 26 de Dezembro de 2021, o tributo foi unânime, como acontece com todas as figuras simbólicas. As palavras sobre a figura de Desmond Tutu que se ouviram dos governantes do mundo inteiro e do Papa não foram meras palavras de circunstância. Entre todas, ouvamos realçar as do Secretário Geral das Nações Unidas, António Guterres, que o recordou como “uma voz inabalável dos que não têm voz”, “uma inspiração para as gerações ao redor do mundo”, “um farol brilhante pela justiça social, liberdade e resistência não violenta”. ■



Desmond Tutu, símbolo da luta contra o apartheid, Foto in [www.farodiroma.it](http://www.farodiroma.it)





# Podias explicar melhor a tua ideia?

Miguel Panão

*Head II* do artista Tim Shaw, Exposição de Verão na Royal Academy of Arts de Londres. Foto EPA/NEIL HALL 2020.

## A SUBVERSÃO DA DÚVIDA

Ouvimos cientistas vencedores de prémio Nobel contra a vacina da Covid e outros que também receberam o prémio Nobel, mas são a favor. Nos jornais ouvimos uma notícia e nas redes sociais lemos opiniões contrárias de pessoas em quem temos confiança. Jesus disse ser o caminho, a verdade e a vida, mas como encontrar o caminho para a verdade sobre o que se passa à volta, de modo a vivermos verdadeiramente? A desinformação não ameaça apenas a verdade como subverte a dúvida usando-a como produto em vez de caminho.

É frequente pensar-se que duvidar de Deus afasta-nos da fé, mas eu creio que isso acontece apenas quando usamos a dúvida como produto para baralhar as crenças das pessoas. Como ninguém conhece por inteiro toda a realidade e o que é a ver-

dade, há quem faça da dúvida um produto para incutir insegurança. Por isso, acolher com humildade a informação que nos chega sem fazer juízos sobre o conteúdo da mesma é um acto de sabedoria.

Quem vive das certezas fecha a sua mente ao conhecimento mais aprofundado da verdade e, por esse motivo, como diz a escritora Anne Lammott, a grande inimiga da verdade não é a dúvida, mas a certeza.

A subversão da dúvida acontece quando a usamos como produto em vez de caminho. Como caminho, a dúvida manifesta o humilde desconhecimento da verdade, ao mesmo tempo que o desejo imenso de a conhecer. A dúvida como caminho impulsiona o nosso agir, sentir e pensar na direcção da verdade, procurando dar tempo para compreender tudo aquilo que nos é dado a conhecer e, mesmo assim, deixando sempre uma sensação de saber a pouco.



## A DÚVIDA COMO CAMINHO

Isto é, a dúvida como caminho suscita a sede de saber através das questões e da procura de pistas para encontrar respostas. Frequentemente, encontramos as respostas na vida quando confrontamos o que ouvimos com a nossa experiência pessoal, mas não chega.

A Internet é uma benção na medida em que facilitou o acesso da informação a todos, sem fazer acepção de pessoas. Mas abriu, também, espaço de comércio digital que estimula o consumo que põe pão na mesa de muitas famílias. E ao contrário do passado, em que captar a atenção de uma pessoa dependia dos períodos de anúncios entre dois programas televisivos ou nos intervalos, hoje, qualquer *site* da internet apresenta-nos anúncios para estimular o consumo enquanto lemos o que nos interessa. E assim nasceu a economia da atenção.

Parece que estamos a consumir informação gratuitamente, mas sem pensarmos muito nisso, estamos a “vender” a nossa atenção.

Sabendo disso, as notícias falsas começaram a usar a mesma psicologia para manipular a nossa atenção e conhecimento. E se nem tudo o que lemos é verdade, gradualmente, começamos a desconfiar de tudo o que lemos e aqui temos duas hipóteses: 1) ou nos tornamos cépticos da verdade; 2) ou nos tornamos exploradores da verdade. Como a segunda hipótese exige tempo e atenção, a susceptibilidade à primeira é maior. O que fazer?

Disse o anjo – *Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus.* (Lc 1, 31) – ao que Maria respondeu – *Como será isso, se eu não conheço homem?* (Lc 1, 34). Maria questionou e usou a dúvida como caminho. Questionar o que desconhecemos ou quando não estamos certos de conhecer é ser curioso da verdade. Jesus garantiu-nos que o Espírito Santo nos ensinaria todas as coisas (Jo 14, 26) e assim se justifica que compreender a verdade sobre aquilo que acontece à nossa volta seja um processo de aprendizagem fascinante.

Quando queremos dizer ao outro que pensa de forma diferen-

te de nós o que sabemos (mas não conhecemos), usamos a reputação dos outros que a sociedade considera terem uma opinião credível. E mesmo quando procuramos informação sobre um determinado assunto, o mais frequente é lermos a fundo o que justifica aquilo em que acreditamos, enquanto o contraponto é lido de passagem. É normal. Pois, o caminho que a dúvida autêntica aponta é difícil. É um caminho feito, também, de portas estreitas.

Conhecer a realidade através da dúvida como caminho exige um equilíbrio entre o sentir e o conhecer para vivermos a verdade, isto é, vivermos Jesus. A subversão do valor da dúvida pode levar a desequilíbrios que nos afastam da verdade, uns dos outros e, em última análise, de Jesus. Neste período em que reflectimos sobre a Igreja Sino-dal, a aproximação da verdade mexerá com o nosso sentir e dependerá do nosso conhecer. Duvidar do que nos dizem só faz caminho se a questão for reflexo de genuína curiosidade em vez de juízo.

Basta um simples – “podias explicar melhor a tua ideia?”. ■







# HELP

## Rendimento Básico Incondicional?

Secundino Correia

Escrevo no meio da campanha eleitoral para as Legislativas 2022. A campanha tem-se centrado demasiado em factos e ditos mais ou menos anedóticos sem qualquer relevância para o futuro do país, menos ainda para o futuro da Europa, tudo isto misturado com meias verdades, servido com meias mentiras, num disse que disse o que não disse. Gostava de ter ouvido por exemplo: estas são as 10 medidas que nos propomos implementar no imediato e estes são os 3 principais projetos que queremos desenhar com todos para construir o país que sonhamos ser em 2050.

Um desses projetos poderia ser o Rendimento Básico Incondicional. Fui ver e, salvo erro, o único partido que aflora a questão é o Livre.

**Mas o que é o RBI (Rendimento Básico Incondicional) e o que o distingue do RSI (Rendimento Social de Inserção)?**

A principal diferença é que o RSI obedece a uma série de critérios e burocracias para ser atribuído e a sua manutenção depende em primeiro lugar da perpetuação da situação de pobreza, entrando-se num ciclo vicioso de subsidio dependência, pois qualquer aumento da receita familiar ainda que fruto de um trabalho temporário ou precário pode acarretar o corte do dito cujo.

Pelo contrário o RBI é atribuído a todos indistintamente, sem quaisquer burocracias ou condicionantes, ou seja, todo o cidadão tem direito a um Rendimento Básico independentemente de trabalhar ou não. Parece um grande disparate, mas se pensarmos um pouco fora da caixa, começaremos a descortinar o seu enorme potencial como regenerador social.

### **E ISSO JÁ EXISTE ALGURES?**

O único lugar do mundo onde funciona de forma permanente algo parecido é no Estado do Alasca. Existe desde 1982 e é completamente incondicional para todos, desde o nascimento até



à morte, num nível igual para todos, sem nenhuma outra condição que não seja a residência legal.

O valor anual por pessoa é indexado ao Fundo Permanente do Alasca, criado em 1976 para investir parte das receitas do petróleo nas gerações futuras, pelo que o seu valor oscila ao longo dos anos. Em 2015, por exemplo, foi de 2 072 dólares, ou seja, um casal com 2 filhos recebeu cerca de 8 000 dólares.

No entanto, o fundo do Alasca não é exatamente um RBI pois não é suficiente para que as pessoas se sustentem. O conceito subjacente ao RBI não é de complementaridade às receitas existentes; ele deveria ser suficiente para que cada beneficiário se sustentasse, mesmo que estivesse desempregado, não só para erradicar a pobreza, mas também para permitir que mentes inovadoras realizem o seu potencial sem a necessidade de desperdiçar a maior parte da sua vida tentando sobreviver.

Este é um assunto que vale a pena discutir como um caminho possível, não necessariamente o único, mas sem deixar-se enredar em ideologias. Richard D. Wolff, professor emérito de economia da Universidade de Massachusetts, propõe em contrapartida o Emprego Básico Universal:

*Dê um emprego a cada pessoa. Pare de definir empregos à maneira capitalista, como algo que dá lucro. Ter o lucro como o principal objetivo é uma ideia idiota. É estúpido matematicamente, é economicamente estúpido e é realmente estúpido como política social.*

Milton Friedman, economista dos EUA, adepto da economia liberal, no seu livro *Livre para Escolher*, sugere uma fórmula alternativa, já implementada, pelo menos parcialmente, na Bélgica, que consiste numa espécie de IRS negativo, ou seja se os teus rendimentos são baixos ou nulos, não pagas IRS, passas a receber IRS.

Philippe Van Parijs, filósofo e economista belga, co-fundador da Rede Europeia de Renda Básica, é atualmente considerado um dos principais defensores do RBI. Foi entrevistado por Miguel Poiães Maduro, em *Conversas sobre o Futuro*, a 28 de dezembro de 2021 (disponível na RTP Play).

Com o avanço da automatização, a substituição de trabalhadores por robots e a crescente precarização do trabalho, a ideia de um RBI como uma forma de proteção social independente do emprego, capaz de responder às mudanças no mercado de trabalho, começa a ganhar urgência face às graves consequências económicas da crise pandémica atual.

De facto a riqueza continua a ser produzida, mas acumula-se cada vez mais nas mãos de cada vez menos. O RBI poderia ser uma solução, que vale a pena colocar em cima da mesa para discussão sem preconceitos.

No entanto, o RBI levanta muitas resistências tanto à esquerda, como à direita, e faz despertar uma série de papões, o mais temido dos quais é que muitos não vão querer mais trabalhar.

Mas isso seria um problema, porque, quando há milhões que não conseguem um trabalho digno e outros tantos que apenas conseguem um trabalho escravo. Implementando o RBI, talvez muitos optassem por dedicar tempo à família, à arte, ao artesanato, ao voluntariado. E não é líquido dizer que todos esses e outros “trabalhos” sejam menos nobres ou menos produtivos socialmente.

Para desmistificar os preconceitos e mitos associados ao RBI podemos apoiar-nos em algumas experiências piloto feitas em diferentes países. Na Finlândia e no Canadá, por exemplo, os resultados mostraram melhorias significativas ao nível da saúde (física, mental e financeira) bem como ao nível da escolarização dos mais jovens das famílias abrangidas.

Experiências diferenciadas estão em curso em locais como Barcelona, Quênia, Namíbia e Brasil, entre outros. ■

**O Rendimento Básico Incondicional** é uma prestação atribuída a cada cidadão, independentemente da sua situação financeira, familiar ou profissional e suficiente para permitir uma vida com dignidade.

**Universal**, aplica-se a todos;

**Individual**: Garante autonomia às pessoas em situação vulnerável independentemente da situação familiar;

**Livre de obrigações**: Um direito para todos, sem burocracias nem requisitos a cumprir.

<http://rendimentobasico.pt/>



# Imigração:

## particularidade partilhada

Inês Espada Vieira

No ano de 2020, imigraram para Portugal 67 160 pessoas. Os dados são da *Pordata*, a Base de Dados Portugal Contemporâneo, e mostram que, desde 2012, a tendência da imigração no nosso país é de aumento lento e consistente.

A população estrangeira residente em Portugal, de novo com dados de 2020, é de 661 607 pessoas. Destas, pouco mais de 250 mil são de países europeus (com os imigrantes do Reino Unido e da Roménia à cabeça); 106 mil vêm de países africanos (sobretudo de Cabo Verde e de

Angola); do continente asiático chegaram 100 mil imigrantes (a quase totalidade de três países: China, Índia e Nepal). Finalmente, da América há 203 699 pessoas, sendo 183 875 brasileiros.

Estes números referem-se aos cidadãos estrangeiros com autorização de residência no País, mas as proporções não devem variar muito em relação às pessoas a aguardar o (tristemente quimérico) “agendamento” no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Em Portugal há várias organizações e de vários tipos que se dedicam ao apoio à integração da população migrante e das pessoas refugiadas.

O Governo tem também uma política clara e ativa de facilitar o acolhimento, embora muitas vezes as palavras esbarrem contra bloqueios burocráticos e financeiros que fazem da integração uma ultramaratona daquelas bem exigentes e sofridas.

Uma das tarefas destas organizações e do Governo são as ações de *advocacy*. Usa-se este termo inglês para definir o processo de defender e apoiar certas causas, em que uma parte precisa em determinado momento de maior acompanhamento e argumentação a seu favor. Sensibilizar os nossos *media* para que se interessem por histórias de integração de migrantes e refugiados é uma ação de *advocacy*.



Contar histórias de superação, exemplos de entreatajuda ou de dedicação especial, mostrar os rostos de quem chega a Portugal (independentemente da razão) e aqui decide ficar e construir um projeto de vida, encurta a distância que existe entre os algarismos e a vida real. Por isso, também neste tema, o papel dos *media* é tão importante para a qualidade da nossa democracia.

Não chega, claro. Todos podemos fazer *advocacy* pela integração de pessoas estrangeiras (ou outras pessoas normalmente à margem, como pessoas com deficiência, os mais velhos, as mulheres, cidadãos menos escolarizados, etc.) e são muitos os fóruns em que uma palavra ou um gesto podem fazer a diferença.

*A nossa civilização é plural. É evidente que muitas vezes a heterogeneidade é um desafio complicado, que aumenta tensões, põe a nu fragilidades e nos pede um compromisso que desinstala.*

No mês passado, estive presente numa reunião que se anunciava sem história, em que a pessoa que coordenava o encontro não teve qualquer pejo em dizer, como se de uma acusação se tratasse, que certas pessoas não deveriam ter vindo para Portugal se não sabiam português.

A insistência foi conflagradora e alguns dos presentes assinaram o seu desacordo com o tom e com o conteúdo, que se desenvolvia em variantes como “não sei o que estão a fazer aqui”, “não sabem falar”, “não

entendem nada”. Todos os comentários tinham e têm réplicas objetivas: “estão a estudar”, “ainda não sabem falar bem português”, “não entendem o que não se lhes explica”.

Sei por experiência que é difícil (muito difícil por vezes) lidar, na vida pessoal e profissional, com pessoas cuja língua não falamos e que não falam a nossa. Sem uma língua comum, o risco da incomunicabilidade é grande. Mas sei também que há outros códigos para além do linguístico e que, em condições normais, a aprendizagem de uma língua nova é apenas... uma questão de tempo. Tempo para ensinar, tempo para aprender, para estudar, para ser posto à prova no dia a dia, para perder a vergonha do erro...

Aprender a língua do país de acolhimento é absolutamente crucial para a integração de quem chega a um novo lugar para construir a sua vida. Nem sempre é possível preparar essa mudança em condições ideais. A história da emigração portuguesa mostra-nos como as aulas prévias de francês, inglês ou alemão, não são parte dos planos de quem prepara, com coragem e hesitação, a partida.

Promover o ensino da língua portuguesa é porventura uma das três linhas estratégicas essenciais da integração de estrangeiros (juntaria a habitação e o trabalho).

Mas sejamos claros: falamos dos estrangeiros que são “o elo mais fraco” da cadeia. Não se ouvem comentários como os que citei antes quando um jo-

vem alemão ou uma estudante norte-americana se matriculam numa escola portuguesa sem saber (ainda) falar português.

Por isso, tantos cidadãos de países de língua portuguesa escolhem Portugal como destino, numa espécie de saída da sua casa para dentro de uma outra pátria. No conhecido texto *A chama plural*, Eduardo Lourenço referiu-se ao “amplo manto de uma língua comum, referente de culturas afins ou diversas”, um “espaço ideal onde todos quantos os acasos da História aproximou, se comunicam e se reconhecem na sua particularidade partilhada”.

São várias as dimensões da condição de *estrangeiro* e de *estranho*. São várias as dimensões da experiência vital de quem sente a tensão entre familiaridade e estranheza. Mesmo às vezes sem uma língua comum, acredito que a sociedade ganha com a consciência e a vivência de cada *particularidade* de uma cidadania *partilhada*. ■



Família de refugiados sírios.  
Foto EPA/STEPHANIE LECOCQ,  
agosto 2021



## Livros

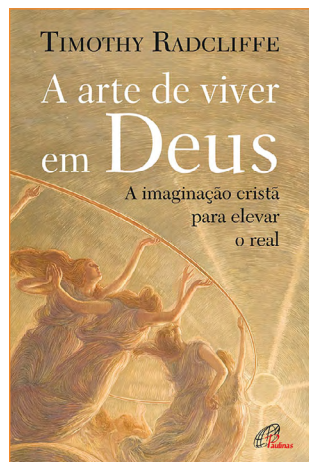
Rui Pedro Vasconcelos

### A ARTE DE VIVER EM DEUS

É possível propor um caminho de redescoberta das pistas da fé cristã após vinte séculos de história? Continua a experiência espiritual do Cristianismo a fazer sentido, a encontrar linguagens novas, a sentir uma frescura que lhe é emprestada quer do regresso às fontes, quer do diálogo com todas as expressões do humano – da arte à literatura, do cinema à poesia? É esse difícil trabalho que o dominicano inglês Timothy Radcliffe leva a cabo com grande maestria.

Este caminho ao longo das várias passagens da vida cristã – do sofrimento ao perdão, da transmissão da fé à celebração sacramental, da oração à esperança da Ressurreição – é percorrido sob o signo da imaginação. A convivência numa sociedade marcada pelo excesso de imagens e estímulos apresenta aos cristãos o desafio de transpor a superficialidade, o soterrar as questões humanas fundamentais num ruído constante, o não saber escutar quer os pedidos de socorro à nossa volta, quer as pérolas de sabedoria que o quotidiano nos proporciona. O hábito de expor a fé cristã ao estilo de catecismo constitui uma pesada e empobrecedora herança nesta busca de uma imaginação cristã, isto é, de encontrar as imagens, estilos, narrativas e porosidades do quotidiano que entrecruzam a linguagem crente com as experiências humanas.

*O objeto deste livro é provar que é mais provável incitarmos os outros com a nossa fé se o Cristianismo for entendido como um convite a viver de uma forma plena. A vida do seu fundador, o seu ensinamento moral, o perdão dos pecados, a doutrina da Igreja, a horrenda morte de Jesus – tudo isso se compreenderá de forma apropriada como a dádiva de vida abundante.*



**Autor**  
Timothy Radcliffe  
**Edição**  
Paulinas  
**Páginas**  
364

### BREVIÁRIO DO SILÊNCIO

Será um passo paradoxal falar do silêncio: afinal, ele será rompido para que dele se fale. Mas sabemos, na nossa experiência quotidiana, como a ausência de reflexão pode ser sinónimo, não de silêncio, mas de um adormecimento nos ruídos, distrações e imagens que constantemente nos interpelam.

O caminho aqui desenvolvido com coragem por João Barrento – com um percurso invejável na área da tradução, da crítica literária e do ensino, dedicados de modo particular à poesia e à literatura alemãs – transporta o leitor, num registo de prosa muito próximo de uma poética da linguagem, para as diversas facetas com que o silêncio regista o humano. As imagens que acompanham o corpo do texto contêm um valor simbólico denso, ajudando a criar pausas na leitura. Da poesia de Echevarría à escrita de Llansol – de cuja obra o autor é um dos principais curadores –, da arte de Rui Chafes ao património literário de Paul Celan, de Holderlin e da poesia clássica chinesa – Barrento conduz-nos por um saborear este bem tão raro e tão gratuito como é o silêncio. Mas também o silêncio da natureza, da leitura ou da tradição monástica são aqui convocados para um exercício de atenção e de escuta. Há leituras que se fazem devagar, que despertam a atenção, que deixam um travo de sabedoria que devolve à vida a sua beleza.

*O silêncio não é explicável. Não só porque se furta aos princípios de articulação da linguagem, mas também porque ele é, em si e quando irrompe e se demarca do som, uma realidade e uma experiência auto-suficiente e autónoma. Qualquer tentativa de explicação da experiência (não do fenómeno!) do silêncio seria uma contradição. O silêncio propicia, em última análise, o acesso a uma “fala” do mundo e das coisas na sua radicalidade ontológica, sem explicações. É a pura presença. ■*



**Autor**  
João Barrento  
**Edição**  
Alambique  
**Páginas**  
160



## UMA VIAGEM TÃO LONGA E FICAMOS SEM VER OS PETRÓGLIFOS



**Hytti nro 6 | Compartimento N° 6**, de Juho Kuosmanen, Drama, M/12, RUS/FIN/ALE/Estónia, 2021. Grande Prémio do Júri no Festival de Cinema de Veneza 2021. Argumento baseado na obra homónima da finlandesa Rosa Liksom.

*Pe. Manuel Monteiro Mendes*

No princípio, temos uma mulher finlandesa, Laura, arqueóloga. Estamos em Moscovo. Há uma festa em casa, mas ela parece desconfortável. Os cinéfilos sublinham logo a cena inicial, a sua saída da casa de banho, envergonhada, porque quem bateu à porta vai entrar e cheirar ainda o odor que ela deixou. Não é agradável.

Laura vive uma relação com uma mulher russa e vai fazer uma grande viagem, de Moscovo a Murmansk, para ver umas gravuras antigas inscritas na pedra. Chamam-se ‘petróglifos’. A questão das palavras e da linguagem vai ser importante. Ela não devia fazer aquela viagem de 1 500 quilómetros sozinha, mas é o que vai acontecer, porque a sua companheira não esteve disposta a ir.

Quando chega ao comboio e entra no compartimento nº 6, as coisas complicam-se. No mesmo compartimento viaja um homem russo – Ljhoa – que parece ocupar e tomar conta do espaço todo. Não começa nada bem a convivência inevitável. Ela vai mesmo procurar trocar de lugar, mas não consegue. Tem de aguentar e ficar ali. O seu desconforto aumenta diante de um homem que come e bebe e fala com modos brutos, demasiado intrusivo, grosseiro e machista.

A câmara, dada a estreiteza do espaço, está naturalmente colocada ‘em cima’ das personagens, mostrando-nos toda a tensão que se estabelece entre eles, só aliviada quando algum deles sai para o corredor e para o restaurante, ou a câmara ‘sai’ pela janela, para nos mostrar uma paisagem fria, nebulosa, com neve a cair.

Logo na primeira paragem, em São Petersburgo, Laura ainda tenta voltar para trás, mas do outro lado do telefone percebe que já não é desejada. É um momento decisivo. Ela vai continuar. Vai deixar para trás a sua infelicidade e abraçar o momento. E vai começar a olhar

de modo diferente para o seu companheiro de compartimento. E para a sua vida. Vai descobrir, pouco a pouco – por exemplo, a quando da visita que fazem a uma estranha e sábia amiga de Ljoha – como aquele ar e atitude agressivos dele escondem, afinal, uma imensa ternura e uma grande capacidade de ajudar.

De facto, quando ela chega à última paragem do comboio, Murmansk, ainda falta o mais difícil para conseguir chegar aos tais petróglifos. Vai revelar-se uma missão impossível, ninguém está disposto a levá-la até lá naquela altura do ano. E vai ser precisamente Ljoha, para quem não há impossíveis, tal é a sua generosidade e inconsciência, que vai conseguir que ela cumpra o seu desejo. Lá chegados, ele fica sentado, a ver o olhar dela. Mas é aí que acontecerá o momento de viragem: os dois a brincar como crianças na neve e sentados na sucata de um barco velho a falar do Titanic.

Verdadeiramente e apesar de tanta proximidade, nada ‘acontece’ entre eles, não se trata de um filme romântico. Já depois da despedida, ele vai fazer-lhe chegar, nas costas do retrato que ela lhe tinha pedido para desenhar, a ‘frase mágica’, em finlandês. Ele está a dizer que a ama, ainda que a frase signifique uma coisa completamente diferente. Ela tinha-o enganado na tradução, mas ela sabe perfeitamente o que ele está a dizer-lhe.

Para quem, como eu, ainda fez algumas longas viagens de comboio, lugar de encontros e desencontros, este é um filme apaixonante. Um belo filme sobre a vulnerabilidade que se esconde na força mais bruta, no rosto mais duro, na paisagem mais agreste, na mais longa viagem ao interior do outro. É um filme, afinal, de grande humanidade e simplicidade sobre a procura e as contradições que cada um esconde mas tem de enfrentar. ■

# O Pinheiro de Santo António

Pedro Teotónio Pereira  
Museu de Lisboa  
Santo António

*São várias as referências à presença de Santo António na região do Oeste. É provável que tenha percorrido aquela região nas suas deslocações, sobretudo quando ainda Fernando de Bulhões pediu transferência do Mosteiro de São Vicente de Fora em Lisboa para o Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra ou, já como frei António, quando decidiu partir de Portugal para evangelizar no norte de África, seguindo os passos dos cinco mártires de Marrocos.*

É também possível que tenha percorrido a região de Nazaré e, dada a sua particular devoção Mariana, tenha visitando o Sítio, onde já se venerava a imagem de Nossa Senhora numa capela mandada construir por D. Fuas Roupinho para perpetuar o milagre que o salvara.

Seja como for, mais de 800 anos depois, ainda permanece a memória da passagem de Santo António por algumas localidades em histórias que a tradição fixou em lendas que são passadas de geração em geração e que testemunham a importância e popularidade deste santo português.

É o caso da lenda do Pinheiro de Santo António, que decorreu em Alpedriz, antiga freguesia de Alcobça.

## LENDAS DO PINHEIRO

Existe em Alpedriz um enorme pinheiro manso, de aspeto secular, conhecido pelo Pinheiro de Santo António. Rezam as antigas lendas que um dia Santo António, numa deslocação de Lisboa para Coimbra, cuja estrada passava por Alpedriz, ali terá plantado aquele pinheiro.

Outra lenda, porém, afirma que o Santo na sua viagem parou em Alpedriz e descansou à sombra do referido Pinheiro. O que se passou ao certo não se sabe: a lenda contudo ficou na memória do povo que diz que mais tarde alguém pensou em cortar o pinheiro, mas não conseguiu e ele ficou de pé. Tentaram pegar-lhe fogo, mas, o pinheiro não ardeu, embora tenha ficado com alguns sinais que são tidos como vestígios dessas ações.

A resistência da árvore foi tida como um milagre de Santo António e a fé da população no Santo crescia graças a estes feitos. À volta dessa lenda nasceu uma capela também esta dedicada a Santo António.

Ainda hoje no adro da capela encontramos vestígios de um grande tronco de uma velha árvore que não resistiu ao tempo, mas outro pinheiro perpetua a presença do Santo e celebra a devoção popular. ■



Capela de Santo António, Alpedriz



# Caminhada Sinodal

## Por uma Igreja diferente

Não é preciso fazer outra Igreja;  
é preciso fazer uma Igreja diferente

*Juan Ambrosio (coordenação)*





## POR UMA IGREJA DIFERENTE

Juan Ambrosio

“Não é preciso fazer outra Igreja; é preciso fazer uma Igreja diferente”. Ao recordar estas palavras do Pe. Yves Congar (1904 -1995, Dominicano, Professor de Eclesiologia, Consultor do Concílio Vaticano II), o papa Francisco, no momento de reflexão para o início do percurso sinodal (9 de outubro de 2021), identifica bem qual o grande objetivo da caminhada sinodal a que toda a Igreja se encontra convocada.

O desafio que somos chamados a responder é mesmo este: por uma Igreja diferente, aberta à novidade que Deus lhe quer sugerir.

As palavras-chave do Sínodo – **comunhão**, **participação**, **missão** – que são expressões capazes de traduzir com acerto aquilo que a Igreja é chamada a ser, apontam-nos o caminho a percorrer para alcançar o referido objetivo.

A **comunhão** exprime a própria natureza da Igreja, a **missão** indica-nos qual a sua razão de ser,

a **participação** lembra-nos de que modo se edifica e consolida a natureza da Igreja e se vive e concretiza a missão. Como já tive a ocasião de escrever nesta mesma revista, estou cada vez mais convicto de que a sinodalidade não é na Igreja uma simples metodologia, mas um modo de ser. Deste modo, a Igreja é desafiada não só a praticar a sinodalidade, mas principalmente a ser sinodalmente.

Porque este caminho nos parece verdadeiramente fundamental, partilhamos com os nossos leitores, neste especial, algumas reflexões que nos possam ajudar a ser uma Igreja diferente. Uma Igreja que escuta a voz do Espírito na escuta da vida concreta das pessoas; uma Igreja de proximidade, que não se alheia da vida e que quer cuidar da Humanidade e da nossa Casa Comum, no fundo, uma Igreja Sinodal. ■







Davide Angelini - stock.adobe.com

## ESCUTAR COM O 'OUVIDO' DO CORAÇÃO

*Inês Espada Vieira*

“A linguagem da Igreja é complicada”. Muitas vezes ouvimos e pensámos nisto. Na memória dos mais velhos, ainda há a lembrança de quando antigamente as missas eram em latim. Há lá algo mais complicado para a comunicação do que não entender a língua em que nos falam?

Desde o Concílio Vaticano II que as missas são celebradas nas línguas dos povos, mas esse facto não descomplicou toda a linguagem. Hoje, muitos fiéis, sobretudo os mais jovens, mas não apenas eles, utilizam com hesitação a pessoa verbal do vós, conjugando verbos estranhos ao quotidiano numa segunda pessoa do plural que desapareceu do português-padrão.

Os nossos irmãos espanhóis rezam ao *Padre nuestro que estás en el cielo*, enquanto a maioria de nós trata Deus como um ser (aparentemente) distante (no tempo e na relação) a quem nos diri-

gimos formalmente. E não, não é verdade que os espanhóis tratem toda a gente por *tu*, como às vezes se diz. E não, não é que seja mesmo típico dos espanhóis. Os italianos também falam com Deus usando o *tu* e – espanto! – até os alemães o fazem.

Será interessante voltarmos a esta questão até porque sabemos que a Conferência Episcopal Portuguesa votou por maioria a adoção do *tu* na relação com Deus e que a tradução da Bíblia (1.º volume com os *Evangelhos* e os *Salmos*, 2019) com a sua chancela já contempla esta opção.

A linguagem é fundamental no acesso ao conhecimento, à informação, ao outro. Enfim, no acesso ao *encontro*. Conhecer as palavras e o seu significado, assumir a linguagem religiosa como própria, saber exprimir-se e entender o que está a ser dito.

Neste Especial da revista *Mensageiro de Santo António* falamos de Sínodo, mais exatamente do Sínodo dos Bispos da Igreja Católica. Alguns dos nossos leitores já ouviram falar do Sínodo, outros já estarão até envolvidos em grupos sobre o Sínodo, mas também haverá quem não conheça o processo, nem entenda bem a palavra. Queremos ajudar a que todos saibamos do que falamos. Porque às vezes a linguagem da Igreja é realmente complicada. Como a traduzir dos clérigos para o povo?



## CAMINHAR EM CONJUNTO

Francisco Vaz

Não se trata, evidentemente, de uma tradução entre línguas estrangeiras, mas é antes uma tradução entre realidades às vezes estranhas: a da Igreja e a das pessoas.

### NEM SEMPRE FOI ASSIM

O “antigamente” de que falo no primeiro parágrafo é um “recentemente” na história do cristianismo. Se regressarmos às origens, ao espaço-tempo-protagonistas de há dois mil anos, encontramos Jesus de Nazaré que sabe falar com quem está com ele, mas principalmente sabe escutar e entende a linguagem de quem se dirige a ele; entende porque conhece e ama.

Na homilia para a abertura do Sínodo, de domingo, 10 de outubro de 2021, o Papa Francisco escreve sobre três verbos fundamentais para o caminho sinodal que se inicia: **encontrar, escutar, discernir**. A partir do encontro relatado no Evangelho de Marcos (Mc 10, 17), conhecido como o episódio do homem rico, o Papa recorda justamente como Jesus “primeiro encontra o homem rico, depois escuta as suas perguntas e, por fim, ajuda-o a discernir o que fazer para ter a vida eterna”. Com tempo e atenção.

O Papa avisa que o caminho que agora se inicia não pode ser

o de “organização de eventos” ou de “reflexão teórica sobre os problemas”. Trata-se de olhar o rosto do outro e parar para escutar a sua história.

### É ESTE O CONVITE E É ESTE O EXEMPLO: SEGUIR JESUS

Como há dois milénios, ninguém o segue sozinho. Este foi e tem sido sempre um caminho conjunto, pelo menos um percurso lado a lado. O desafio atual é, porém, um pouco mais exigente: é o de que ultrapassemos algumas distâncias e algumas distrações e nos concentremos em escutar com “o ouvido do nosso coração”.

A chave está na linguagem: naquela a que chamamos verbal e na linguagem apaixonada do coração. Saibamos escutar e falar, saibamos perguntar e caminhar em conjunto. Descompliquemos a linguagem da Igreja. Ela é porventura tão simples como aquela canção de infância cujo refrão cito de cor:

*Amar como Jesus amou  
sonhar como Jesus sonhou  
pensar como Jesus pensou  
viver como Jesus viveu  
sentir o que Jesus sentia  
sorrir como Jesus sorria.*

Talvez *sínodo* seja apenas uma palavra nova para retomarmos o caminho de sempre. ■

O Concílio Vaticano II foi fundamental para a alteração do paradigma eclesiológico que vigorou praticamente durante todo o segundo milénio, que assentava num modelo dualista, que dividia a Igreja em dois níveis. No primeiro, estava o clero que santificava, ensinava e governava, e, no segundo, aqueles que eram santificados, ensinados e governados, ou seja, os leigos (*ecclesia docens* vs. *ecclesia discens*).

Embora começasse a ser contestado no seio da Igreja pelos movimentos católicos emergentes no final do século XIX e inícios do século XX, era ainda este o modelo que prevalecia nos anos que antecederam o concílio.

As palavras proferidas pelo cardeal António Caggiano, um dos principais animadores da Ação Católica na Argentina, no primeiro Congresso Internacional do Apostolado dos Leigos (1951), são, sem dúvida, um inequívoco testemunho desta realidade:





Foto MSA 2018

*Há que deixar bem claro, sem dúvida alguma, tanto do ponto de vista jurídico, como do ponto de vista teológico, que a Igreja católica, por vontade do seu Divino Fundador, Cristo Jesus, é essencialmente uma Sociedade de pessoas desiguais, formadas por duas classes de membros, essencialmente diferentes entre si; a hierarquia e os simples fiéis; aqueles que santificam e aqueles que são santificados; aqueles que ensinam e aqueles que são ensinados; aqueles que governam e aqueles que são governados [...].*

Os movimentos eclesiais contemporâneos da primeira metade do século XX, foram, para além de uma resposta à sociedade liberal, uma tentativa de redefinição do espaço da Igreja através de novos protagonismos, nomeadamente da valorização do papel dos leigos na Igreja.

De facto, o Concílio Vaticano II não só alterou aquele paradigma como redescobriu a colegialidade dos bispos, ao salientar que a missão de anunciar o Evangelho e pastorear o rebanho foi confiada por Cristo aos Apóstolos e, consequentemente, aos bispos como colégio. A incorporação orgânica do primaz do sucessor de Pedro na comunidade hierárquica dos bispos e o crescimento da noção da corresponsabilidade entre os bispos de toda a Igreja (*affectus collegialis*), terão contribuído para esta evolução.

Com rara intuição, o Papa Paulo VI decidiu, pouco antes do final do Concílio, instituir o Sínodo Episcopal com caráter permanente, garantindo a participação dos representantes do Episcopado

Católico no governo da Igreja Universal, o que, por sua vez, esteve na origem das Conferências Episcopais, que surgiram no período pós-conciliar. No entanto, rapidamente se veio a constatar que este modelo não satisfazia um laicado que ambicionava uma representatividade mais alargada e mais operante.

Na realidade, a consciência da dimensão comunitária do viver crente reencontrou no século XX uma nova atenção e valorização uma vez que a vivência comunitária eclesial não acontece à margem das condições normais de convivência humana na sociedade havendo sempre uma correspondência entre a forma como as pessoas fazem a experiência dos dons de Deus que acolhem na fé, e o modo como se configura a sua existência humana de pessoas com uma dimensão social. Essa consciência marcou, como é sabido, o Concílio Vaticano II em diversos registos, em particular na visão da Igreja como Povo de Deus na totalidade dos seus membros, independentemente de ministérios e carismas (*Lumenn Gentium*).

Na reflexão de abertura do Ano Sinodal, no dia 9 de Outubro de 2021, o Papa Francisco manifestou o desejo de caminhar em conjunto “para fazer a experiência duma Igreja que recebe e vive o dom da unidade e se abre à voz do Espírito” e alertou para três aspetos que podem inquinar o processo sinodal.





# SINODALIDADE DA IGREJA COMO COMUNIDADE EM CAMINHO

Américo Pereira

O primeiro é o *formalismo* que pode levar a que apenas se olhe “a bela fachada duma igreja sem nunca entrar nela”. O segundo é o *intelectualismo*, isto é, quando “a realidade vai para um lado e nós, com as nossas reflexões, vamos para outro”. O terceiro, a tentação do *imobilismo*, ou seja, do “sempre se fez assim”.

Para o Papa o desafio de “caminhar em conjunto”, emerge como um elemento de importância vital na consciencialização e expressão da fé e da construção de uma “Igreja diferente”. Uma Igreja que, nas suas palavras, “não se alheie da vida, mas cuide das fragilidades e pobreza do nosso tempo, curando as feridas e sarando os corações dilacerados com o bálsamo de Deus. Não esqueçamos o estilo de Deus que nos deve ajudar: proximidade, compaixão e ternura.”

O termo *sínodo* tem como raiz etimológica os termos gregos *syn* e *hodos*. *Syn* quer dizer *em conjunto, todos juntos, ao mesmo tempo*, de que se pode derivar ‘num mesmo acto’, num acto comum. Ora, é este acto comum que constitui a assembleia, que, também em grego, se diz *ekklesia, ecclesia, igreja*.

A Igreja é, assim, imediatamente, este *syn*, esta assembleia que a todos reúne, Igreja que consiste num acto comum. De notar que este acto comum não significa um acto ‘misturado’ ou um acto confuso, ou um acto anónimo. O que o *syn* cria é a relação profunda e verdadeiramente íntima entre os membros que congrega, as pessoas. A Igreja é um acto comum de pessoas, isto é, de seres humanos todos diferentes, mas todos semelhantes, semelhança que cria a própria possibilidade da Igreja, pois, sem ela, como reunir o, de outro modo, disperso?

É nesta qualidade relacional do *syn* que se encontra o cerne da Igreja, que é humano, transcendentemente, mas que é também divino, pois é o dom de semelhança, que permite a diferença pessoal (não é, assim, uma igualdade aniquiladora da possibilidade do diferente), que permite também o encontro, a reunião, que permite pôr em comum isso que, no concreto da acção de cada pessoa, cria a assembleia.



Eu era como tu | Halfpoint - stock.adobe.com





Esta assembleia cristã funciona ao invés das outras assembleias, que se formam pela exclusiva resposta às necessidades humanas, apenas passíveis de serem respondidas, quiçá, anuladas através da reunião dos diferentes talentos. A assembleia cristã não nega a necessidade humana – que não é negável, é substancial –, mas não se funda nela, antes, numa dinâmica própria diversa, assenta sobre o sentido do dom, do puro dom, que pode ser exercido mesmo quando não há necessidade, sobretudo quando não há necessidade.

Este sentido do dom fundamenta-se no ‘dom dos dons’ que é o acto criador primeiro realizado pelo próprio Deus, que, a partir da sua infinita grandeza positiva e do nada do restante criou o mundo, isto é, todo o acto do que, de algum modo, se move, se diferencia.

É no vetustíssimo *Génesis*, logo nos seus primeiros actos, que se encontra o sentido profundo do *Logos* de Deus, não apenas como palavra – talvez ilusoriamente decalcada da frágil palavra humana, tão dada à falta de rigor –, mas, precisa e modeladamente de forma definitiva, como *acto*. Neste acto, Deus transmite todo o poder-ser para o bem às criaturas, mormente à criatura humana.

É o primeiro acto de reunião, de *assembleia*, de ‘igreja’, em que Deus, pela posição de tudo no ser, cria o primeiríssimo *syn*, a primeira, total, congregação de todas as criaturas (como São Francisco percebeu isto tão bem!). Esta ‘igreja’ é o primeiro acto litúrgico, duplo, de serviço de Deus ao mundo, criando-o – serviço absoluto –, e de serviço do mundo a Deus, não em vão louvor de palavra, mas em acto de louvor a Deus, ao cumprir-se a si próprio em bem realizado a partir do bem possível, que é criaturalmente. Esta primeira ‘igreja’ é o mítico paraíso. Todavia, possível como real, se se cumprir em movimento de bem.

Chega-se ao segundo elemento do termo *sinodo*, *bodos*, o caminho. O termo, em grego, significa, para lá de caminho, também *estrada*, *estrada larga*, que são objectos estáticos uma vez criados; todavia, significa, ainda, *marcha*, *marchar*, *caminhar*, *viajar* por terra ou por mar, no que já é um modo activo, precisamente esse que cria estradas, caminhos, carreiros.

Como é evidente, *bodos* é fundamentalmente o *caminhar*, pois é este que cria o caminho, o caminho próprio – e não há outro, senão ilusoriamente; cria caminho, vida e ser, trilhando, abrindo passagens onde passagens não havia.





mantinov - stock.adobe.com

Ora, se, na vez de *caminhar*, se puser *agir*, percebe-se que cada pessoa coincide em acto com o seu próprio caminho, como o seu próprio *hodos*. A Igreja é, deste modo, o caminhar em comunidade das pessoas que, em cada momento que se queira considerar, criam um determinado caminho.

Todavia, que caminho é este? Não são todos os actos de todas as pessoas também assim sinodais, mesmo quando tal sinodalidade tem como fim e meio a prática do mal? A resposta a esta última questão é: sim.

Deste modo, à Igreja não basta a simples sinodalidade, que pode ser posta tanto como criadora do caminho para a Nova Jerusalém como para a “nova auschwitz” (o uso de minúsculas é propositado).

**QUE MARCA E ESTABELECE, ENTÃO, A DIFERENÇA FUNDADORA DA SINODALIDADE PRÓPRIA DA IGREJA, QUE NÃO É UMA QUALQUER?**

A marca ‘são’ três: Deus, na sua sinodalidade própria de Santíssima Trindade. Este é o fundamento da sinodalidade da Igreja e sem ele não há sinodalidade alguma, não há Igreja alguma, apenas ilusões eclesiais, negadoras do que há de mais precioso na Igreja.

É Deus como sinodalidade de Amor entre as Três Pessoas em que o seu acto consiste que é o paradigma da sinodalidade da Igreja. O Pai, absoluto criador do mundo; o Espírito, segundo o *Logos* que é e com que o mundo foi criado, como acto lógico de amor divino; o Filho, fundador da Igreja histórica, possibilidade de mundano cumprimento de um comum caminho de bem num mundo que já não é o prístino acto de amor acabado de sair das mãos de Deus, mas que é, ainda e sempre, passível de se reencaminhar, de se ‘re-sinodalizar’ como caminho de bem, para Deus, até Deus: ‘Adeus’.

Ora, o modo deste sínodo, deste caminho, não apenas comum em acto, mas *em acto de comunidade*, é único e recebe o nome – tão acarinhado por Francisco, o Papa – de “misericórdia”. A *sinodalidade da Igreja é o caminho em comunidade de misericórdia de Deus através de quem assim o quiser*, baptizado pela água da santa pia ou apenas pelo próprio acto criador de Deus, agente baptismal primeiro.

Se há um *baptismo de fogo*, não poderá haver um *baptismo de misericórdia*, prévio a qualquer outro e único capaz de reunir todas as criaturas humanas? O limite desta Igreja da Misericórdia não é o próprio mundo? Deste limite até Deus é o caminho a trilhar.

A sinodalidade é, assim, o trilhar de caminhos em comunidade no seio da possibilidade infinita de divina misericórdia, quer dizer, do mundo. ■



# Estrelas na noite



Idalino Simões

Abadia de Notre-Dame-du-Désert, Foto de Grentidez, 2012 | Commons Wikimedia

Quem olha para o panorama da vida da Igreja não pode deixar de olhar para o problema da falta de vocações. Não apenas para o sacerdócio mas também para as ordens religiosas, quer masculinas quer femininas.

Um pouco por todo o mundo sobram seminários e conventos, grandes edifícios que foram fontes de vida e de contemplação. Não é previsível que os velhos tempos regressem. Como dizia José Maria Castillo, “uma religião voltada para o passado pode ser a religião mais ortodoxa, mas não seduzirá as pessoas”.

Edifícios transformados em hotéis de luxo, em centros de lazer, vendidos ou cedidos em diversos modelos jurídicos?!

É nesta noite sem aurora à vista que temos necessidade de olhar as estrelas que vão surgindo e nos podem levar até à contemplação de um quadro familiar: “Quando entraram na casa viram O Menino com Maria, Sua Mãe” (Mt 2,11).

Na noite brilham várias estrelas, experiências recentes que desafiam a transformação da vida religiosa e dos seus edifícios desabitados.

## 1. ALDEIA DE FRANCISCO

A abadia de Notre-Dame-du-Désert, ao sul de Toulouse, pertenceu aos monges trapistas durante mais de 160 anos, até outubro de 2020; agora acolhe as primeiras famílias que participam num projeto cujo objetivo é oferecer uma oportunidade de reinserção laboral a pessoas em situações de dificuldade.

A notícia, dada por *Vatican News*, a 4 de janeiro de 2022, apresenta um pouco dos diferentes elementos que constituem esta associação como uma resposta aos desafios não só da *Laudato si'*, mas também da *Fratelli Tutti*.



O fundador desta singular experiência, Étienne Villemain, já tinha estado na origem da *Association por l'Amitié e Fratello*, associações que se dirigem primariamente aos pobres e que, partindo duma ideia de fraternidade, procuram que eles encontrem o seu lugar como protagonistas da sua própria vida.

Não passaram despercebidos encontros no dia mundial dos pobres que têm tido o apoio da *Fratello* e que, em novembro passado, conseguiu reunir um significativo número de pobres em Assis.

A ideia da *Aldeia de Francisco* emerge dessa experiência de contacto com o mundo dos excluídos da nossa sociedade e ganha nova força com a entrega do mosteiro dos Trapistas a um grupo inicial de 12 famílias.

No horizonte há uma preocupação de serem herdeiros dos monges, continuando as suas produções em termos agrícolas e avançando nas experiências de permacultura e de trabalho de renovação do convento de acordo com as exigências de uma visão ecológica da sustentabilidade.

Na palavra de Étienne há uma visão muito clara do sonho que o motiva bem como à sua equipa:

*Queremos cuidar da casa comum, da ecologia integral e da vida do princípio ao fim: por isso acolhemos as mães grávidas em necessidade e as pessoas idosas que talvez possam acabar os seus dias na Aldeia de Francisco...*

*Queremos criar um ecossistema completo. Tendo em mãos a Laudato Si' e Fratelli Tutti procuramos viver algo muito simples.*

Frei Pierre-André, abade da ex-comunidade trapista, a 3 de outubro de 2020, entrega as chaves a Étienne e às 12 famílias que vão de imediato viver na nova casa, feliz porque o seu convento continuará a ser um sinal e “uma luz erguida sobre o candelabro” (Mt 5,15).



## 2. COMUNIDADE DOMINICANA DE MANRESA E A SUA TRANSFORMAÇÃO

O mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos e de Santa Clara das dominicanas de Manresa iniciou uma experiência a que *Vida Nueva* chama de “re-fundação” da comunidade contemplativa.



Anima esta transformação a irmã Lúcia Caram, uma religiosa originária de Argentina. Recorda, como um agulhão na sua vida, o momento em que Domingos, antes de fundar a ordem dominicana, era estudante em Palência quando uma vaga de fome se abateu sobre a região: “Estou a estudar sobre peles mortas enquanto, a meu lado, peles vivas morrem de fome”. Este pensamento levou-o a vender os pergaminhos para socorrer as pessoas necessitadas.

No convento, o *ora et labora* (ora e trabalha) foi assumindo uma componente de proximidade com os pobres e refugiados. Foi criada a *Fundação de Santa Clara* que, rapidamente, se tornou um entreposto de ajudas para os que tinham sido jogados para a margem da vida.

A participação dos leigos que partilhavam a vida das irmãs foi amadurecendo o sonho de uma nova forma de vida contemplativa, com o apoio do Papa Francisco e do Cardeal de Barcelona:

*Durante estes anos procurámos dar passos para que o nosso convento fosse uma casa para os mais pobres. Não podemos permanecer quietas quando os nossos irmãos perdem a vida no Mediterrâneo, perdem o seu trabalho, as suas casas, não têm que comer e batem à porta do nosso convento à procura de ajuda, de alguém que os escute e os acolha.*



### 3. ERA PEREGRINO (PER + AGERE, ISTO É, ESTRANGEIRO), E TU ME ACOLHESTE

É avassalador o número de migrantes nos nossos tempos. Segundo o relatório anual da agência das Nações Unidas para os Refugiados o número de refugiados e deslocados internos cresce para 82,4 milhões. Mesmo com a pandemia, o número de refugiados e deslocados internos cresceu 4% em relação aos 79,5 milhões no final de 2019.

O papa Francisco tem alertado constantemente a sociedade para este grave problema que não está unicamente situado na Europa. O grito de angústia do Papa Francisco, pela 2ª vez em Lesbos: “Não permitamos que o *mare nostrum* se torne num *mare mortuum*, não permitamos que este lugar de encontro se torne um teatro de conflitos! Suplico-lhes: detenhamos este naufrágio da civilização”, gritou do novo campo de Kara Tepe, diante de cerca de 200 pessoas, representantes de refugiados, trabalhadores humanitários e da presidente grega, Katerina Sakelaropulu.

Qual tem sido a resposta da Igreja a este desafio?

#### 3.1 SCALABRINIANAS

##### MISSÃO COM MIGRANTES E REFUGIADOS (SMR)

Desde a sua origem, em 1887, o carisma dos missionários de São Carlos Borromeu (Scalabrinianos) tem sido o serviço aos migrantes.

No México, em 2013, a Irmã Letícia Gutiérrez e dois voluntários fundaram a *Casa Mambré*, que oferece ajuda humanitária básica: hospedagem, saúde, alimentação, vestuário, acompanhamento legal e psicológico, atendimento médico, dentista, área de inserção sócio laboral, atividades para as crianças (foto ao lado), oficinas, aulas de ioga e apoio espiritual.

Os(as) migrantes permanecem na Casa até que tenham a sua situação regularizada no país, o que pode durar de três a seis meses. Uma atenção muito especial tem sido dada a casos de tortura, violência, tráfico de pessoas e rejeitados pelas famílias devido à sua orientação sexual.

Nas grandes deslocações de pessoas a que o México assiste, a *Casa de Mambré* aparece com um sinal de esperança para os sem lugar. Pela multiplicidade das suas competências inaugura novas e exigentes formas do trabalho missionário das irmãs e dos numerosos grupos de técnicos e especialistas que com elas colaboram.

#### 3.2 UMA EXPERIÊNCIA COM MIGRANTES E REFUGIADOS NA DIOCESE DE ROTTENBURG-STUTTGART

Em Weingarten há um complexo de mosteiros beneditinos com mais de mil anos, que os monges, por falta de vocações, tiveram que abandonar, há 12 anos.

Em 2013, ano em que começaram os primeiros relatos sobre os refugiados que estavam a morrer no Mediterrâneo, o Bispo local, Dom Marlene E. Wildner, decidiu abrir esse complexo de mosteiros vazios para servir de abrigo aos refugiados.

Homens e mulheres, de diferentes proveniências e horizontes, procuram, aqui, curar as suas feridas e recebem ajuda para a compreensão da nova língua e para encontrar um trabalho digno.

Estas notas são apenas uma pequena amostra de múltiplas experiências de transformação que perpassam na Igreja. Não nos quedemos em Jerusalém... no Templo e entre os Doutores da Lei.... Só no caminho se podem ver as estrelas. ■



# A política melhor

Juan Ambrosio

A terra “é um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte”. Foto metamorworks - stock.adobe.com.

No momento em que escrevo este texto ainda não sei o resultado das eleições legislativas, pelo que desconheço a composição e o desenho do governo que delas resultou. O que quero partilhar, pode, no entanto, ser dirigido a qualquer um dos políticos que esteja a desempenhar essa nobre missão de governar o nosso país.

Temos, nos últimos tempos, acompanhado uma diversidade de debates onde os vários intervenientes tentaram dar a conhecer as múltiplas propostas que os partidos que representam têm para Portugal. No meio, por vezes, de diálogos acesos e até pouco corretos e ainda menos esclarecedores, foi sendo possível perceber semelhanças e diferenças, foi sendo possível identificar propostas concretas.

De um modo geral, julgo que não podemos deixar de acreditar que cada um desses protagonistas defendeu e defende aquilo que verdadeiramente acredita ser o melhor para os portugueses. Mas também não podemos ser ingénuos ao ponto de não perceber que o poder é muito sedutor, pelo que facilmente nos podemos deixar cativar por ele, procurando-o para o pôr ao serviço de certos in-

teresses que, muitas vezes, não têm a preocupação de estar ao serviço de todos.

Ao pensar nisto senti a necessidade de visitar o Capítulo V da Encíclica *Fratelli Tutti*, que tem como título *A política melhor*. Dessa leitura destaco aqui algumas passagens (se bem que recomende vivamente a leitura na íntegra de todo o capítulo) que deixo como desafio e interpelação a aqueles que hoje nos governam.

Logo no início do capítulo podemos ler o seguinte:

*Para se tornar possível o desenvolvimento duma comunidade mundial capaz de realizar a fraternidade a partir de povos e nações que vivam a amizade social, é necessária a po-*



*lítica melhor, a política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum.*

(FT, 154)

A política melhor, aquela que verdadeiramente precisamos, aquela que é um exercício nobre, surge quando colocada ao serviço do verdadeiro bem comum e não só daqueles que nos rodeiam e são nossos contemporâneos, mas também das gerações futuras, como se pode ler no n.º 178, no qual aparece citada a conferência episcopal Portuguesa:

*Perante tantas formas de política mesquinhas e fixadas no interesse imediato, lembro que “a grandeza política mostra-se quando, em momentos difíceis, se trabalha com base em grandes princípios e pensando no bem comum a longo prazo. O poder político tem muita dificuldade em assumir este dever num projeto de nação” e, mais ainda, num projeto comum para a humanidade presente e futura. Pensar nos que hão de vir não tem utilidade para fins eleitorais, mas é o que exige uma justiça autêntica, porque, como ensinaram os bispos de Portugal, a terra “é um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte”.*

(FT, 178)

Exercida neste horizonte, a atividade política pode bem ser capaz de se traduzir em atitudes que podendo ser interpretadas como ingênuas, por muitos, não podem, no entanto, deixar de ser um objetivo sublime a perseguir, como se pode ler no n.º 190:

*A caridade política expressa-se também na abertura a todos. Sobretudo o governante é chamado a renúncias que tornem possível o encontro, procurando a convergência pelo menos nalguns temas. Sabe escutar o ponto de vista do outro, facilitando um espaço a todos. Com renúncias e paciência, um governante pode ajudar a criar aquele poliedro bom onde todos encontram um lugar. Nisto, não resultam as negociações de tipo económico; é algo mais: é um intercâmbio de dons a favor do bem comum. Parece uma utopia ingênua, mas não podemos renunciar a este sublime objetivo.*

(FT, 190)

A finalidade destas citações (e podiam ser tantas outras) não é querer dar lições a ninguém. Verdadeiramente não me julgo melhor, nem mais capaz de realizar o que muitos políticos sérios (e há muitos) realizam.

Pretendo apenas, por me parecer ser tempo oportuno para o fazer, voltar a lembrar e a sublinhar que a procura do bem comum é a razão de ser de toda a atividade política e que sempre que ela se coloca ao seu serviço, é a política melhor

E quando a política é melhor, então é mesmo bem possível ter esperança num futuro melhor.

*[...] é grande nobreza ser capaz de desencadear processos cujos frutos serão colhidos por outros, com a esperança colocada na força secreta do bem que se semeia. Ao amor, a boa política une a esperança, a confiança nas reservas de bem que, apesar de tudo, existem no coração do povo. Por isso, “a vida política autêntica, que se funda no direito e num diálogo leal entre os sujeitos, renova-se com a convicção de que cada mulher, cada homem e cada geração encerram em si uma promessa que pode irradiar novas energias relacionais, intelectuais, culturais e espirituais”.*

(FT, 196)

Contribuir para esse futuro, torna-se, então, a tarefa de todos e de cada um. ■





# Já não se fazem jovens como antigamente

Inês Santos e Gonçalo Oliveira

Apresentação da JMJ 2023 aos jovens da paróquia de Santo António dos Olivais, pelo COT C Jovem, 15 de janeiro 2022.

“Onde andam os jovens?” É talvez a pergunta número um que a Igreja tem feito nos últimos anos. A sua origem está no crescente afastamento dos jovens das vivências religiosas.

Atualmente, estima-se que cerca de metade dos jovens em Portugal (entre os 16 e 29 anos) não se identifica com nenhuma religião. E, dos que se identificam (na sua maioria cristãos), mais de metade afirma que não frequenta com regularidade a missa nem tem por hábito rezar.

Pegando no exemplo da República Checa, no espaço de cem anos houve uma queda no número de jovens cristãos de cerca de 90%.

A tendência, a nível mundial, para os próximos anos, é que se continue a verificar um decréscimo de jovens presentes na igreja. Este desinteresse é, para nós, motivo de preocupação.

Deve, no entanto, tornar-se também o início de uma mais séria e intensa reflexão sobre as suas causas:

- Será porque, no meio de tanta opção, a eucaristia e a catequese ou o grupo de jovens não são vistos como uma prioridade?
- Será porque a maneira de abordagem dos temas não é apelativa?
- Será porque os jovens simplesmente não se identificam com os valores de uma instituição que zela pela sua tradição e modo de fazer?

Para responder a estas perguntas é imperativo o diálogo constante e atento, mesmo que estejamos a falar de unir interesses e modos de estar de uma entidade com dois mil anos de existência com alguém que não presenciou a queda do muro de Berlim, nem paga IRS. Falamos de uma missão desafiante, mas que promete uma revitalização da Igreja que, ao contrário de comprometer o seu futuro, irá estendê-lo para as gerações vindouras.



É fundamental aceitar que os jovens de hoje nunca vão ser iguais aos jovens de antigamente. O mundo atual não é o mesmo de há cinquenta anos atrás e os jovens são também o produto dessa transformação avassaladora. No entanto, também não são assim tão diferentes! Continuam a ser uma geração que anseia por tornar o mundo melhor, que é criativa, que procura por momentos de introspeção e de reflexão, de encontro com o outro.

É neste entusiasmo que a Igreja se deve basear para trazer novos projetos, novas vozes. Uma Igreja transformada é uma Igreja que transforma. É numa Igreja que se faz presente e preocupada com os desafios atuais que os jovens se veem representados e ouvidos e que, passo a passo, se vão deixando também eles inspirar.

A Diocese de Coimbra tem procurado ser um exemplo de transformação. O Plano Pastoral 2021-2024 é o resultado de uma aposta assente na reflexão que o Papa Francisco propõe na exortação *Cristo Vive!*, mas decorre também de um extenso estudo das respostas dadas a um inquérito que pretendia conhecer a posição dos jovens face à Igreja e como eles sonham a mesma. Daqui resultam três objetivos que nos vão acompanhar ao longo destes três anos:

- envolver os jovens na edificação da Igreja;
- proporcionar aos jovens o encontro com Jesus Cristo;
- acompanhar o discernimento vocacional dos jovens.

Queremos deixar para trás o incessante jogo do telefone, em que estamos perante uma longa linha de comunicação onde a informação se vai deteriorando pelo caminho. Já lá vai o tempo em que o que dizíamos uns aos outros se traduzia numa conversa encriptada. Vivemos um tempo de mudança! ■

*Além do Sofá* é a nova rubrica do Mensageiro do Santo António que vem dar continuidade ao “Espaço Nova Geração”.

A escolha do título é uma referência ao pedido do Papa Francisco para que os jovens saiam do seu “sofá” e não se deixem conformar pelo facilitismo.

A verdade é que não basta a Igreja mudar, também os jovens têm que acordar da sua dormência e lutar contra a inércia a que o sedentarismo os prende e contra a indiferença por causas maiores.

Os autores desta rubrica procuram responder a este apelo do Papa. No decurso das próximas publicações comprometemo-nos a dar a conhecer quem são os jovens de hoje, a mostrar que há espaço para os jovens na Igreja e a manifestar a alegria de viver o dia a dia conhecendo o amor de Deus.

Esta é uma rubrica escrita por jovens para jovens. Convém, no entanto, ressaltar que, embora os autores se refiram aos jovens pela sua faixa etária, compreendem que a juventude é um traço transversal à linha temporal. Por isso, esta rubrica é também um convite à juventude e é recomendada aos leitores de todas as idades.



# António, de quem é?

Fabio Scarsato

Ilustração: Luca Salvagno

*Estamos quase no fim da nossa caminhada nas pegadas de Santo António ao longo da Itália, mas, na realidade, começamos muito mais longe, alguns anos atrás, lembram-se?*

Posto isto coloca-se a questão: será que Santo António pode ficar associado apenas a Lisboa ou a Pádua? Nesta última cidade, que por definição é a “cidade do Santo”, António passou apenas alguns meses, os últimos da sua vida terrena. E, claro, a Basílica de Pádua que conserva o seu corpo e outras relíquias preciosas, tem toda a razão de associar o seu nome ao nome do Santo.

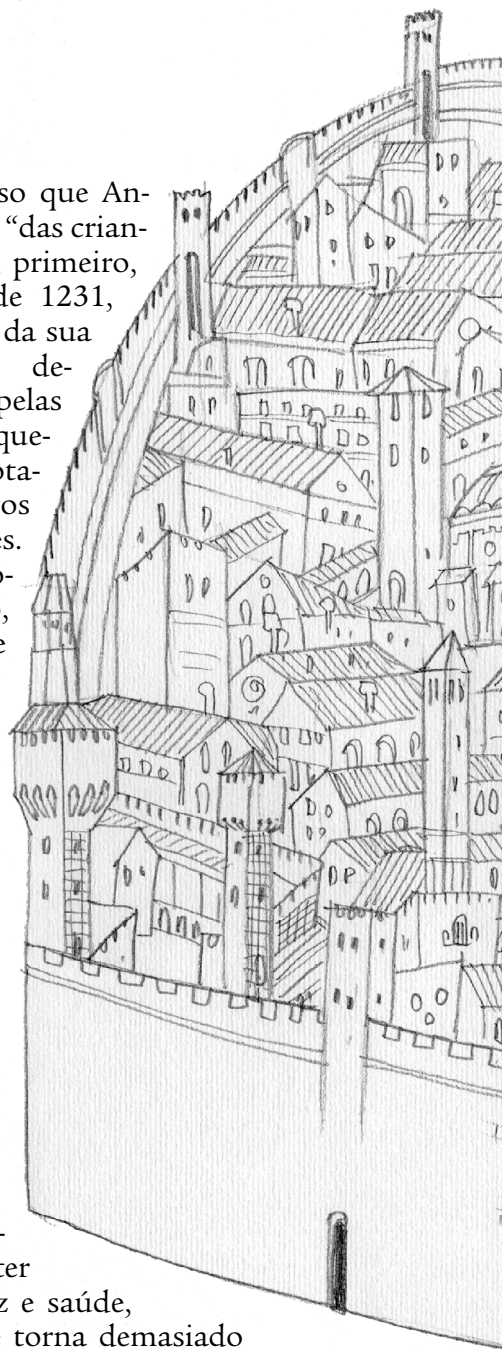
Mas esta não é desculpa suficiente para pensar que António seja mais visitado no seu túmulo do que em tantos outros lugares. De facto, um pouco por todo o mundo, encontramos homens e mulheres, idosos e jovens, ignorantes e letrados, cristãos e não cristãos, para os quais Santo António é o amigo ao qual recorrem. Afinal, disse Bai Juyi, um antigo poeta japonês, a montanha pertence àqueles que amam a montanha e os miradouros não têm dono, mas são de quem neles se refugia para contemplar o horizonte.

Voltamos ao ponto de partida: António de quem é, afinal? Pelo nascimento, com toda a certeza, é “de Lisboa”, pelo nome é “de Coimbra”, por aclamação do povo e por adoção é “de Pádua”.

E acrescentaria é “de Francisco de Assis”, no sentido de que, uma vez “roubado” aos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, é precisamente aderindo ao movimento espiritual do *Poverello de Assis* que se tornará o grande santo que todos conhecem.

Mas, depois, penso que António é sobretudo “das crianças”: aquelas que, primeiro, a 13 de junho de 1231, deram o anúncio da sua morte correndo desenfreadamente pelas ruas de Pádua; aquelas que foram protagonistas de muitos dos seus milagres. Crianças que agora, como então, enquanto a mãe e o pai ficam distraídos por um momento, se metem logo em sarilhos. Santo António pertence a todas as crianças que, pelo menos uma vez na vida, andaram vestidas como ele e, muitas vezes, são levadas devotamente diante do seu túmulo – pequenas miniaturas de Santo António –, para obter um pouco de paz e saúde, quando a cruz se torna demasiado pesada.

António não pertence a uma cultura só, nem o encontramos sob uma única bandeira.





António não é só “de Lisboa” ou “de Pádua”.

Com certeza, é natural de Lisboa, tomou o nome de António em Coimbra e foi “adotado” pela cidade de Pádua.

Mas é de todos aqueles que esperam, choram, caminham, lutam e procuram um sentido na vida.

No seu passaporte está escrito: “de nacionalidade humana”, residente na aldeia global.

Não pertence “aos doutos e sábios”, apesar de eles terem escrito e continuam a escrever rios de tinta sobre ele, achando-se os detentores da sua doutrina. Assim que pode, António mergulha no meio das pessoas, às quais pertence e que realmente o reconhecem, pois ele é “dos simples”, “dos homens e das mulheres”.

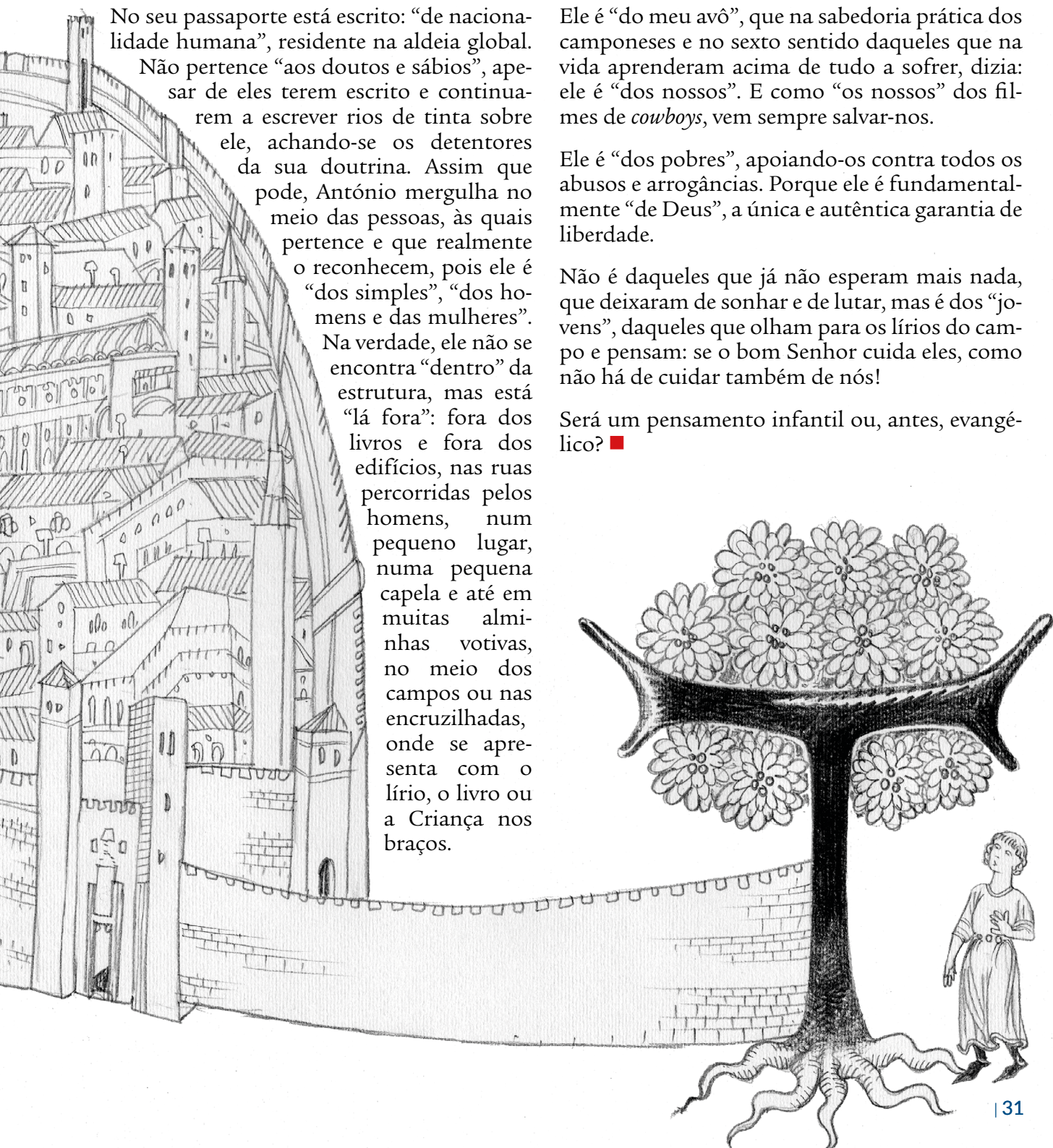
Na verdade, ele não se encontra “dentro” da estrutura, mas está “lá fora”: fora dos livros e fora dos edifícios, nas ruas percorridas pelos homens, num pequeno lugar, numa pequena capela e até em muitas alminhas votivas, no meio dos campos ou nas encruzilhadas, onde se apresenta com o lírio, o livro ou a Criança nos braços.

Ele é “do meu avô”, que na sabedoria prática dos camponeses e no sexto sentido daqueles que na vida aprenderam acima de tudo a sofrer, dizia: ele é “dos nossos”. E como “os nossos” dos filmes de *cowboys*, vem sempre salvar-nos.

Ele é “dos pobres”, apoiando-os contra todos os abusos e arrogâncias. Porque ele é fundamentalmente “de Deus”, a única e autêntica garantia de liberdade.

Não é daqueles que já não esperam mais nada, que deixaram de sonhar e de lutar, mas é dos “jovens”, daqueles que olham para os lírios do campo e pensam: se o bom Senhor cuida eles, como não há de cuidar também de nós!

Será um pensamento infantil ou, antes, evangélico? ■



# Orações a Santo António



**Q**uerido Santo António, peço-te do fundo do coração que abençoes a minha família: o meu filho, para que os seus problemas sejam resolvidos pacificamente; a minha esposa, para que os resultados do seu exame de saúde sejam totalmente bons. Obrigado, meu Santo!  
*Carlos*

**M**eu querido Santo António, peço-te pela minha mãe para que tenha uma velhice saudável, alegre e consciente. Peço-te pelo meu marido, que o abençoes com muita saúde, prosperidade, alegria e paz. Também te peço pela minha nora e pela Bárbara, que tenham muita saúde, prosperidade, alegria e paz. Peço-te pela humanidade e pelo planeta. Deus tenha misericórdia de nós e perdoe os nossos pecados.

**Q**uerido Santo António, obrigado pela força e saúde que me deste durante o ano de 2021. Obrigado por me ajudares com a minha família! Obrigado por teres dado saúde à minha mulher, meu filho, nora e netas. Peço-te para o ano de 2022 que me ajudes, mais uma vez, a encontrar a casa que há tanto procuramos. Continua a dar-nos saúde e sorte e que a família continue a encarar a vida com otimismo e perseverança. Dai-me saúde e que a minha reforma seja saudável e longa, na companhia da minha querida mulher. António

**M**eu Santo António, desejo que toda a minha família tenha muita saúde, prosperidade, paz e alegria nos próximos dias, meses e anos que se seguem. Desejo paz, conforto e muita fé para todos os que estão a passar algum tipo de provação. Desejo que em 2022 haja mais amor para todos, amém!

**Q**uerido Santo António, quero aqui entregar-te a V e pedir a tua intercessão na sua vida! Sabes que ela quer muito encontrar um marido. Peço que a ajudes intercedendo ao Menino Jesus, a Nossa Senhora, a Deus Pai e a todos os anjos e santos. Obrigada!

**S**anto António, hoje escrevo-te simplesmente para te agradecer tudo o que fizeste por mim durante o ano de 2021 que terminou. Foste amigo, protetor, companheiro e confidente. Deste-me tudo o que te pedi, obrigada do fundo do coração. Adoro-te! *Helena*

**Q**uerido Santo António, obrigado por me acompanhares na doença. Hoje sinto-me melhor e a recuperar bem. Bem hajás e continua a acompanhar-me e também à minha família. Dá-lhes saúde e, principalmente, à minha netinha. Acompanha a minha companheira, a mulher que me acompanha na minha vida. Dá-lhe saúde. Ajuda-nos no nosso sonho de mudar para uma casa com melhores condições para receber toda a família, principalmente na época natalícia. Obrigado meu Santo António! *António*

**M**eu querido Santo António, hoje quero pedir pela vida familiar do meu irmão, para que se amenize e para que ambos sejam assertivos, sábios e procurem o bem da filha. Peço-te pela F, para que compreenda os pais e os ajude nesta fase difícil das suas vidas. Peço-te pela saúde de toda a família e pela união dos casais. Acima de tudo, que tenham muita fé, alegria, esperança e amor ao próximo. Que o amor de Deus habite no nosso coração. *Maria João*

**P**eço-te Santo António que ajudes a minha filha a construir a sua casinha. Ajuda-me para que também eu a possa ajudar. Toma conta do meu netinho para que deixe de fazer as birras que faz. Obrigada Santo António por todas as graças. *Rosa*

**M**eu querido Santo António, obrigada por teres cuidado da minha família, particularmente do meu emprego. Querido padrinho, peço-te que renoves e abençoes o nosso casamento e o nosso amor. Nesta tribulação ampara o meu marido, converte-o para Deus. Traz o meu marido de volta para casa, para junto de mim e do nosso filho. Peço um emprego para o meu marido. Também peço união, paz e alegria no nosso lar. *Ariana* ■



# ASSINA E DIVULGA O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO



## Agora podes pagar com Multibanco

A Entidade e Referência que constam do talão podem ser utilizadas para fazer o pagamento de qualquer valor da assinatura ou donativo.

São sempre válidas e cada assinante tem uma referência única, que permite identificar o pagamento sem necessidade de enviar o comprovativo.

Em alternativa podes aceder ao nosso sítio na Internet. No menu Assinantes encontra-se um formulário para efetuar qualquer pagamento ou donativo através de Multibanco, MBWay, Payshop ou Paypal.

Podes continuar, também, a utilizar a transferência bancária, sendo necessário, nesse caso, enviar o comprovativo.



1989-3760

Pago até: Dezembro 2021

Entidade: 21721 Referência: **VER TALÃO**

## Preço da assinatura anual Digital/Impressa

|                              |              |
|------------------------------|--------------|
| DEVOTO/Portugal Ed. impressa | 22 €         |
| AMIGO:                       | 50 €         |
| BENFEITOR                    | 100 €        |
| Edição impressa EUROPA:      | 40 €         |
| Ed. impressa fora da Europa: | 50 € / \$ 75 |

**NIB: 0010 0000 42510410001 59**

**IBAN: PT50 0010 0000 42510410001 59**

**SWIFT/BIC: BBPIPTPL**

**<https://santoantonio.live>**

## MISSA DA FAMÍLIA ANTONIANA

Muitos assinantes e leitores da nossa revista pedem para ser incluídos na oração que os Frades franciscanos da Igreja de Santo António dos Olivais elevam, diariamente, ao Senhor para que a Sua graça, pela intercessão de Santo António, desça abundante sobre todos aqueles que a Ele recorrem.

Em consequência disso, os confrades de Santo António acharam por bem promover a seguinte iniciativa: **na primeira terça-feira de cada mês**, a Eucaristia celebrada na igreja de Santo António dos Olivais, em Coimbra, às 18h30, terá uma intenção particular pelos assinantes, amigos, benfeitores e colaboradores, vivos e defuntos, da revista *Mensageiro de Santo António*.

A celebração desta Santa Missa será transmitida em direto nos canais *Youtube* e *Facebook* do *Mensageiro de Santo António*.

Esperamos que esta iniciativa robusteça os laços de fé e de comunhão entre toda a Família Antoniana e estimule todos os cristãos na renovação da sua vida, a exemplo de São Francisco de Assis e de Santo António.

**Primeira terça-feira de cada mês**



# Por que não reparas na trave

que tens no olho?

## A PALAVRA DE DEUS

*Naquele tempo, disse-lhes também uma parábola: “Poderá um cego guiar outro cego? Não cairão ambos numa cova? Um discípulo não está acima do mestre, mas todo o que ficou bem preparado será como o seu mestre. Porque vês o cisco que está no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu próprio olho? Como podes dizer ao teu irmão: ‘Irmão, deixa que tire o cisco que está no teu olho’, e não vês a trave que está no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e então verás com clareza para tirar o cisco que está no olho do teu irmão.*

Lc 6, 39-42

## A PALAVRA DE SANTO ANTÓNIO

***O cisco designa a culpa leve; o olho, a razão ou o intelecto; a trave, a culpa grave.***

“Quem peca não tem autoridade para castigar o pecador”.

São Gregório, no comentário à proibição feita a David de edificar o templo (2Reis 7, 12-12):

“Quem tem o cuidado da correcção das faltas alheias, tem de estar livre de vícios e dos assuntos terrenos, para não sucumbir aos maus desejos.

Na medida em que se exige aos outros observar o dever de os evitar, deve ele mesmo afastar-se deles, por meio do seu conhecimento e da sua vida.

O olho, se estiver carregado de pó, não vê com clareza a mancha no órgão; e as mãos que trabalham com lama não conseguem limpar as sujidades.

Se queres repreender alguém, vê primeiro se tu não és semelhante a ele. Se o és, bate no peito e não pretendas que ele te obedeça, mas admoesta para que se esforce juntamente contigo.

Se não és como ele, mas já o foste noutro tempo ou poderias ter sido, condescende e repreende, não com ódio, mas com misericórdia. Raramente, pois, e apenas por grande necessidade, se há-de empregar a censura, e somente por respeito a Deus, depois de removida a trave do próprio olho”.

*Sermões de Santo António, Quarto Domingo depois do Pentecostes*



Arte de m





*Frei Valentin Strappazzon*

ua, Roma, janeiro de 2021, durante a segunda vaga da Covid 19. Foto EPA/RICCARDO ANTIMIANI.

## APROFUNDAMOS

Este ensinamento de Jesus, que retoma o essencial do grande Sermão da Montanha (Mt 5,1-7,27), é comentado por Santo António com numerosos argumentos, espirituais, morais, práticos, de simples bom senso e sabedoria.

O primeiro, tirado de São Gregório, consiste em olhar para si mesmo e para a própria consciência antes de pretender corrigir os outros. Em nome de quem e porquê julgamos os outros, se o nosso olhar, isto é, a nossa razão e a nossa inteligência, são obscurecidas por preocupações materiais e egoístas? O nosso primeiro dever é, portanto, conhecermo-nos bem a nós mesmos, a nossa maneira de pensar e de agir, purificando o nosso olhar para que o nosso olho fique claro. Trata-se apenas de bom senso.

Um olho sujo não pode ver claramente. Mãos sujas de barro são impróprias para limpar as mãos dos outros. Além dessas evidências, António acrescenta outros motivos tradicionais retirados de comentadores de seu tempo. Um médico não está apto para curar os outros se antes não cuida de si próprio; um olhar entreaberto, fingido, como o de um hipócrita, vê apenas os defeitos dos outros, não a sua própria arrogância, que é bem maior. Um poeta sabiamente diz: “Se tu vês as tuas más ações com os olhos cobertos de ciscos, por que olhas tão atentamente para os vícios dos teus amigos?”

Seguindo os conselhos do próprio São Gregório, António sugere, portanto, dois comportamentos. Se tiveres os defeitos que descobres no outro, bate no peito e ajuda o irmão a corrigir-se juntamente contigo. Se tu fores melhor, mas reconheces ter sido como ele no passado ou que poderias sido, corrige-o, não com ódio ou aspereza, mas com doçura e misericórdia.

A misericórdia é a grande característica do Evangelho de Lucas, realçada, além da presente parábola, por aquelas, ainda mais eloquentes, da ovelha, da moeda e do filho, perdidos e reencontrados. ■





## 30° DIA MUNDIAL DO DOENTE

No próximo dia 11 de fevereiro, celebra-se o 30° Dia Mundial do Doente. O lema deste ano é: ***“Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso (Lc 6, 36) – Colocar-se ao lado de quem sofre num caminho de caridade”***.

O Papa Francisco publicou uma Mensagem, de que destacamos alguns excertos:

*A misericórdia de Deus expressa-se não como um sentimento ocasional, mas como força presente em tudo o que Ele faz. É conjuntamente força e ternura... Ele cuida de nós com a força de um pai e com a ternura de uma mãe.*

*Numa época em que se difundiu a cultura do descarte e nem sempre se reconhece a vida como digna de ser acolhida e vivida, as instituições sanitárias católicas, como casas da misericórdia, podem ser exemplares na salvaguarda e no cuidado de cada existência, mesmo a mais frágil, desde o próprio início até ao seu termo natural.*

*Visitar os enfermos é um convite feito por Cristo a todos os seus discípulos. Quantos doentes e quantas pessoas idosas há que vivem em casa e esperam por uma visita! O ministério da consolação é tarefa de todo o batizado, recordando-se das palavras de Jesus: “Estive doente e visitaste-me” (Mt 25, 36).*